

MEMÓRIAS DA PRAIA DE ATALAIA

*Inaê Elias Magno da Silva**

Falar da cidade de Aracaju, de sua história e suas transformações é para mim uma tarefa muito grata, pois, apesar de "forasteira"¹, eu posso me considerar um pouco aracajuana. Afinal, Aracaju é a cidade na qual eu vivi dos quatro aos vinte e um anos. Além disso, é também o local onde estudei, me formei e desenvolvi interesse pelas Ciências Sociais e pela temática urbana, mais especificamente. Enfim, saber que posso, de alguma forma, contribuir para a construção da memória desta cidade é para mim algo muito gratificante.

Assim que ingressei no curso de mestrado em Sociologia da Universidade de Brasília, no ano de 1995, as questões que intelectualmente me inquietavam durante a graduação - e que sempre disseram respeito à combinação entre favelamento e urbanização - começaram a se estruturar e a se consolidar em um projeto de investigação centrado, dentre outras coisas, na proposta de reconstrução do processo de urbanização que originou o bairro de Atalaia em sua atual configuração.

Mais especificamente, interessava-me o processo social que transformou a antiga praia de veraneio em um bairro residencial das classes sociais mais elevadas da cidade e que, em meio a isso, deu surgimento a uma pequena estrutura favelada embrenhada entre as imponentes casas do bairro. A Vila do Queijo - como se chama esta pequena favela - palco de inúmeros conflitos e rico laboratório de investigação sociológica, levou-me a conhecer a história de Atalaia e a

*Inaê Elias Magno da Silva é mestra em Sociologia pela Universidade de Brasília.

contá-la na dissertação de mestrado da qual este artigo compõe o segundo capítulo².

A falta de dados bibliográficos sobre Atalaia conduziu-me a um trabalho de pesquisa quase arqueológico entre os Arquivos Públicos Municipal e Estadual, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, a Biblioteca Pública Estadual, o IBGE e até mesmo a TELERGIPE, locais onde consegui “escavar”, nas entrelinhas de obras que tratavam de Aracaju ou Sergipe genericamente, o passado de uma localidade que, apesar de importante para a cidade, praticamente não possui registros. Para complementar os poucos dados obtidos na pesquisa bibliográfica foi utilizado o recurso da história oral que, melhor do que muitos outros métodos, tem o poder de deixar falar aqueles que vivenciaram a história dos fatos que desejamos rememorar. A forma como suas vidas fazem parte da vida de um local e vice-versa colabora para o trabalho de reconstrução histórica de forma muito rica e singular, pois faz com que a história do lugar se amalgame das histórias de suas próprias vidas.

Nunca tive e não tenho a menor pretensão de esgotar um tema inesgotável: a História. Ela se constrói a cada momento e em cada ato ou recordação; em cada fotografia amarelada, em cada carta antiga, em cada recorte de jornal, e isso não se esgota! Aqui tenho apenas a pretensão de apresentar Atalaia como consegui reconstruí-la pelas memórias dos seus lembradores, oferecendo estas memórias como contribuição para que esta história, até então esquecida, possa continuar sendo contada. A minha única pretensão é que a história de Atalaia ajude a reconstruir as histórias individuais de cada bairro da cidade, para que Aracaju consiga contar e registrar o seu passado, tornando-o de domínio público não apenas para quem o edificou, mas principalmente para as gerações posteriores que vivem um presente modificado, sem noção do que já não existe mais.

I - A Memória da Cidade

Falando de Zaíra, mais uma das cidades do Império do Grande Khan, Pólo diria:

a cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das

ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 1994: 14/15).

Como na cidade descrita ficticiamente por Calvino, a cidade real, aquela vivida, construída e reconstruída cotidianamente por seus habitantes, também contém o seu passado nas menores coisas, nas mais discretas. O pequeno trecho da rua Bráulio Costa, insignificante em relação às dimensões concretas da cidade, contém um pouco do passado que faz o presente de Aracaju. Se não todo o passado, mas um fragmento muito particular deste: o passado da Praia de Atalaia, de um tempo quase perdido entre as linhas da história oficial, vivo apenas na memória dos que edificaram aquela realidade e que hoje vivem mais para lembrar do que para construir.

Segundo Halbwachs (appud Bosi, 1987), o que move a atividade mnêmica é a *função social* exercida pelo sujeito que lembra. Assim, quando o homem maduro passa à velhice, ou seja, deixa de ser um membro ativo da sociedade, resta-lhe a função própria de lembrar e a lembrança passa então a se apresentar não como descanso, como no caso do adulto ativo, mas como substância mesma de sua vida. Os velhos são, assim, os melhores "lembradores", ou os melhores informantes da história oral³. Não simplesmente porque vivenciaram a experiência, o lugar, a ocasião ou o acontecimento lembrado, mas também porque possuem a função social própria de lembrar, de recordar o que não vivem mais.

Halbwachs (1990) afirma que a memória é uma reconstrução do passado, que depende do relacionamento do indivíduo com os grupos com os quais convive e que lhe servem de referência, estando, portanto, impregnada de valores e idéias atuais. Essa idéia é fundamental para a compreensão das limitações dos trabalhos históricos de reconstituição social. O historiador, ou qualquer cientista que pretenda reconstruir o passado, se depara com realidades que não existem mais e que, assim como um livro que não se lê duas vezes, apenas se relê de maneiras diferentes, estarão impregnadas dos valores e dos elementos da realidade atual. Resta-lhe, então, reconstruir o passado apenas naquilo que lhe for possível (Bosi, 1987).

Por outro lado, essa noção apresenta a memória como um construto social dinâmico. Ela deixa de ser uma experiência individual guardada de forma estática na mente (Bergson, 1990) e passa a ser vista como uma construção social, por ser relativa à memória do grupo e, de forma mais ampla, à memória social geral, e dinâmica por se tratar de uma imagem recriada a partir dos elementos atuais de representação.

Essa idéia apresenta singular importância nos trabalhos de reconstrução social, pois esclarece que não é possível reviver o passado como ele foi, mas somente como ele é hoje para aqueles que dele se lembram. A lembrança ou a memória podem, assim, ser vistas como representações sociais cujo objeto se encontra no passado. Nesta perspectiva, o presente influencia a memória no processo de reconstrução do que já não existe mais.

A memória da cidade, de espaços, casas, ruas, costumes é fundamental para que a história possa contar aquilo que não tem lugar na historiografia oficial, mas que faz parte, tanto quanto os grandes acontecimentos, da vida de um lugar. Segundo Marilena Chauí (1987: XIX),

a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados os suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos.

Assim, como diz Bosi (1987: 33),

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas. (...) Há casas em cidades tranquilas em que o tempo parou.

Mas há também outros tempos e ritmos que marcam a formação e a transformação dos espaços ocupados pelo homem e que necessariamente não correspondem ao frenetismo das mudanças sociais de um mundo globalizado, nem à paralisia bucólica de pequenos lugares "perdidos no tempo e na história". Os ritmos das transformações na Praia de Atalaia permaneceram lentos por décadas, até que inovações tecnológicas e melhorias infra-

estruturais vieram atribuir novas feições à então praia de veraneio das famílias abastadas da Cidade do Aracaju⁴.

Por não fazer parte da história dos grandes acontecimentos sociais e políticos da cidade, a história da Praia de Atalaia não se encontra nos livros acadêmicos, não tem registro oficial. Há alguma coisa apontada nos relatos esparsos de alguns memorialistas e nas entrelinhas da história geral de Aracaju, nada mais. Por essa razão, e também pela importante riqueza de detalhes que contêm os relatos orais, falarão aqui aqueles que conheceram e viveram a Atalaia Velha de outros tempos e que podem, por suas memórias, recompor este espaço hoje tão transformado. Alguns destes informantes são filhos das famílias abastadas que por décadas veranearam na praia, outros frequentavam-na apenas em feriados e finais de semana, por não terem condições econômicas de alugarem ou comprarem casas de veraneio, e outros ainda, mais pobres que estes, viviam em Atalaia, no povoado do Robalo ou na Coroa do Meio, migrando de uma ponta a outra da praia, em busca de fixação próximo ao seu local de trabalho.

Sem linearidade e com pouca precisão de datas, os relatos se apresentam como peças de um mosaico⁵. Eles contam acontecimentos que vão do início do século aos dias atuais, buscando como pontos de referência a incorporação da Praia de Atalaia ao tecido urbano de Aracaju, com sua transformação em bairro residencial das classes altas, ponto turístico da cidade e palco de contradições e conflitos sociais. Do seu processo de urbanização decorre o afloramento destas contradições, em outros tempos mascaradas tanto pelo bucolismo da sua paisagem semi-urbana quanto pela forma dual como se estruturava sua ocupação espacial: na vila de Atalaia Velha, os ricos, em suas coloridas casas de veraneio; mais afastados, bem mais afastados, os pobres, pescadores artesanais, lavradores, pequenos vendedores ambulantes, filhos da praia e dos mangues.

Contar o passado da praia não tem aqui o sentido da busca do tempo perdido, por mais saudosistas que os relatos por vezes possam parecer. A lembrança da Atalaia de outros tempos e dos processos que a tornaram cidade, com todas as qualidades e todos os problemas dos dias atuais, situa-se no cerne das preocupações mais amplas do presente trabalho. Ela possibilita o conhecimento do panorama histórico das transformações espaciais e sociais ocorridas na localidade em estudo, fundamental para a visualização do desenrolar dos processos simultâneos de exclusão

e inclusão social pelos quais têm passado os moradores da Vila do Queijo no decorrer dos anos de ocupação.

II - No Caminho do Mar Havia um Pomar...

Quem passa hoje pelo bairro de Atalaia e por suas redondezas dificilmente consegue imaginar que está passando por um antigo e importante celeiro de Aracaju, que abastecia a cidade de frutas típicas, farinha de mandioca, milho e tantos outros alimentos. Por sua condição litorânea, circundado por manguesais e pelo mar, o atual bairro de Atalaia não dá indícios de ter sido uma região marcada pela atividade agrícola, mas sim pela atividade pesqueira. Em verdade, a pesca artesanal nunca foi a atividade mais próspera e importante da região que, antes de se tornar área de veraneio e, posteriormente, se consolidar como bairro residencial e turístico, tinha nas culturas agrícolas sua grande força econômica.

A Atalaia era um grande celeiro de Aracaju. De milho, de frutas. Lá havia muito melão. Era um melão nativo daqui, aquele que é verde, grande, caneludo, cheiroso, desapareceu. Dava milho também. Uma coisa interessante é que quando se dizia que nas areias de Atalaia dava milho os agrônomos não acreditavam. Mas tinha uma variedade de milho ali adaptada à areia. Atalaia tinha melancia, tinha mandioca, farinha que se fazia por lá, tinha o famoso "sarioio⁶" da Atalaia, perderam a receita! As próprias frutas pequenas, até outro dia tinha mangaba que é nativa. Tinha também caju, coco... Atalaia era o celeiro de Aracaju. Em dia de feira havia um grande número de canoas. Não só de canoas. As pessoas vinham tanto de canoa quanto de cavalo pela estrada. A pescaria em Atalaia era só para comer. Nos finais da guerra, mais ou menos em 45, eu veraneei lá e quando a gente queria comer peixe vinha comprar em Aracaju. Lá a gente às vezes comprava um camarão, quando o sujeito jogava a tarrafa e vinha mais camarão do que precisava (antigo veranista de Atalaia) .*

Eu me lembro de quando tinha plantação. Nessa época, *inté*, eu e meu velho plantava batata, melão, melancia, nós tinha cavalo, andava de carga, pegando carga. Botava os animais pra trazer a carga de melancia e batata pra vender no centro (em Aracaju), mas não tinha ônibus nem nada. Era

tudo de animal. Com muito tempo apareceu uns pau-de-arara, uns caminhão, *adepois* dos caminhão chegou um homem que chamava Zezé, já falecido, botou uma marinete velha pra lá (para o Robalo), mas não dava pra todo mundo, tinha que vir a metade de cavalo, a metade de caminhão. Da Sarney pra cá era tudo plantação. Ali teve grande proprietário e teve pequeno. Mas os grande compraram as terras dos pequenos (moradora da Vila do Queijo).

ATALAIA, ao sul da cidade, na barra do Cotinguiba, enfrentando o oceano. (...) É célebre pelos bons melões e melancias que suas areias produzem. Goza-se aí de um espetáculo e é também estação de banho do mar (LISBOA, 1897: 85/86).

A pesca, de uma maneira geral, possuía um caráter menos comercial do que a agricultura realizada nos sítios da região. E das atividades pesqueiras a mariscagem era a que possuía maior envergadura, sendo realizada, e muitas vezes comercializada, pelas mulheres, enquanto os homens dividiam-se entre o mar, a lavoura, o comércio de mariscos, outros tipos de alimentos e bebidas na praia, e os biscates de forma geral.

Meu marido trabalhava em roça. Assim, ia um dia e trabalhava na roça de um, ganhava uma mixaria, outro chamava, trabalhava na roça de outro. Ele não era de pescaria não. Eu fazia tudo, eu aprendi a tirar tudo, tirar caranguejo, tirar sururu, tirar ostra. Trabalhava com isso, vendia marisco, tirava folha pra vender. Eu tirava "fedegôdo", "junça" que dava nas lagoa, "pulga do campo", "gengibre", tudo pra vender. Saía com os balaio cheio, vinha do Robalo a Aracaju de pé e *vortava*. E vendia as *ruminhas* lá às *muié* que entregava. Era só chegar e entregar os moinho contado, ela me dava aquele dinheirinho, eu comprava as beirinha da carne, tinha farinha, nós tinha mandioca e ia pra casa de pé, sozinha pelo caminho todinho. Aqui em Atalaia morava quem vivia de pesca, quem vivia de lavoura e quem vivia de mangue, porque aqui era lugar do mangue também, da gente viver. Ali o shopping Riomar, eu pescava caranguejo, eu pescava siri, eu pescava sururu que tinha demais. Pescava pra sair vendendo daqui a Aracaju, com os balaio na cabeça vendendo *latrinha* a um, *latrinha* a outro, um litro a um, um litro a outro. E quando não vendia, pra não perder, eu chegava em casa, abria eles todinho,

Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências

passava no sal e ia vender na pedra as lata de manteiga. Era como eu vivia aqui. Eu sempre vivi de marisco. Meu marido vivia vendendo coco e batida, essas coisa. Isso era no final de semana, agora o dia de semana, ia pro Robalo trabalhar, dar um dia a um, um dia a outro. *Adepois* foi chegando gente no Robalo. Primeiro chegou um homem que chamava Berro Grosso, proprietário. Aí quando ele chegou, ficou miorando pra gente, que ele pegou a dar um dia de serviço, o meu velho era muito de confiança, o pessoal gostava muito dele, aí ele ficava dando um dia, dois de serviço. Adepois veio um que chamava Rapa de Pires. Fazendeiro também, tinha criatório de porco, aí meu velho começou a trabalhar a ele também (*moradora da Vila do Queijo*).

Os atuais limites do bairro de Atalaia, tão recentes quanto sua própria existência jurídica, estendem-se nos depoimentos às regiões próximas, também localizadas na praia, que em outras ocasiões não apresentavam distinções jurídicas com a Atalaia, mas que, atualmente, constituem bairros ou povoados à parte. A ampliação das memórias de Atalaia aos espaços do Mosqueiro, do Robalo, da Farolândia, da Coroa do Meio e de outros bairros e povoados praianos próximos demonstra que as fronteiras do espaço construído cotidianamente nem sempre coadunam-se com os limites cartográficos do planejamento oficial, que (re)modela, (re)nomeia, (re)define e (re)constrói a cidade conforme seus próprios critérios, impondo aos cidadãos uma adaptação nem sempre esperada ou correspondida. A memória, por fundamentar-se no passado e estruturar-se segundo tempos e ritmos particulares possui poucos mecanismos de adaptação às rápidas transformações que diariamente alteram a paisagem urbana e seus códigos. Daí a necessidade de contextualização e relativização das informações recordadas. É preciso que se subscreva sua importância metodológica às suas próprias particularidades e limitações.

Pode-se dizer que as memórias de Atalaia são recordações de tempos remotos nos quais a região era apenas um povoado de Aracaju que se estendia do rio Poxim até as margens do rio Vaza Barris⁷. São recordações das primeiras décadas deste século quando a economia agrícola marcava a região, dando-lhe uma feição nitidamente rural, tanto em termos físicos, pela presença marcante dos sítios e das plantações, quanto em termos culturais, pela presença de crenças e costumes pouco comuns nas áreas urbanas, sobretudo de grande concentração demográfica.

Quando eu morei no Robalo aquilo tudo era mato. Era mato aqui, mato ali. Era uma casa aqui e a outra bem longe, mal a gente via as telhas de uma pra outra. Mas era tudo de palha, só pegou a ter casa de telha quando pegou a chegar os ricos, os fazendeiros. Eu morava no Robalo e não tinha hospital. Lá ninguém sabia o que era hospital, nem posto médico, nem nada. Era remédio do mato que davam pra beber. Meu marido era pobrezinho, só tinha um barraquinho de palha que *inté* os bichos quase pega a gente. Lá no Robalo tinha um negócio que corria *labisone* (lobisomem) na *coresma* (quaresma). Eu cheguei a ouvir o barulho, mas o bicho eu não cheguei a ver que correu. Eu conheci *inté* o homem que virava bicho. Gente vira bicho, vira *labisone*. Na *coresma*, dia de sexta-feira e quinta-feira, eles vira bicho. Os que bate nas mãos, que bebe e faz coisa com as mãos, vira bicho. O finado Marco, ele virava *labisone* e ele dizia, "eu viro, mas não bulo com ninguém, só faço minhas plataforma". Nós dançava reisado lá no Robalo, meu marido era tocador de pandeiro. Juntava ele, que tocava pandeiro, um cego que era Lindolfo, que era sobrinho dele, era o tocador de sanfona, compadre Adagilson, compadre Adalberto, eu, Dona Maria Cândida, Adair, as meninas de lá e fazia brincadeira. A gente começava a brincar perto de natal. *Brinquemo* aqui na Atalaia, naquela praça que tinha ali, ainda brincamos ali (*mora-dora da Vila do Queijo*).

A chegada dos fazendeiros às localidades mais afastadas da região produziu uma série de transformações na vida local, resultando, por paradoxal que pareça, dentre outras coisas, na perda de importância da atividade agrícola em detrimento do veraneio, do turismo e da própria fixação residencial. Muitos dos antigos sítios de subsistência e pequeno comércio foram comprados pelos grandes proprietários, sendo posteriormente loteados para dar lugar a grandes casas e a alguns condomínios fechados que, na última década vêm dando a tônica urbana do litoral sul aracajuano, sobretudo na direção da Rodovia dos Náufragos. Mas o primeiro passo para a fixação em Atalaia foi, sem dúvida, o veraneio que desde a década de 20 já marcava a região, intensificando-se até o início da década de 60 quando começa a perder terreno para a moradia fixa na praia.

III - O Antigo Balneário de Atalaia

Atalaia, que em meados da década de 20 já começa, aos poucos, a perder seus atributos de zona agrícola em detrimento do veraneio, passava boa

parte do ano sendo freqüentada apenas pelas pessoas que viviam ao sul do rio Poxim, na região do litoral. A sua distância em relação ao centro de Aracaju⁸ era um dos grandes empecilhos para os que queriam visitar a praia. Mas não era o único. A precariedade dos meios de transporte da época, as condições pouco favoráveis do percurso e a ausência de pontes que transpusessem o rio Poxim, faziam com que as visitas à Atalaia Velha ficassem restritas aos finais de semanas, aos feriados e às férias, acentuando a sua condição de área de veraneio.

Eu fui a Atalaia a primeira vez em 1926. Atalaia em 1926 tinha um centro, que era aquela praça que se chama Alcebíades Paes. Dali as construções se irradiavam para o lado da cidade e para o lado do mar. Também eram poucas. A Atalaia esse tempo já era local de veraneio, mas veraneio de quem podia se afastar das atividades, porque o acesso até 1930, mais ou menos, era difícil, as pessoas tinham que ir embarcadas. Não tinha a ponte ainda. As vezes que eu fui, da época de 26 até 30 e tantos, eu ia de saveiro; saveiro ou canoa. A gente pegava as embarcações aqui na Rua da Frente e parava lá, mais ou menos na pracinha Alcebíades Paes. Ia muita gente de canoa para lá e havia quem fosse a cavalo. O pessoal subia os cavalos nas canoas e atravessava o rio Poxim. Antes da ponte ser construída havia uma balsa no rio Poxim, mas a estrada era muito precária. A gente saía numas estradas de areia ajeitadas, pegava uma balsa, passava o carro para o outro lado e saía sabe lá Deus como. Se a maré era muito grande não passava, a não ser metendo as rodas do carro dentro da água (*antigo veranista de Atalaia*).

O veraneio em Atalaia tinha data marcada para começar: o dia 07 de janeiro. Era a partir desta data que as famílias ricas da cidade iniciavam sua mudança para a praia, onde passavam as férias de verão, até o início das aulas nas escolas. O sexto dia do mês de janeiro, Dia de Reis, marcava o final das famosas festas natalinas que, do final de dezembro ao início de janeiro, agitavam as noites da capital sergipana.

As festas natalinas (...) são celebradas, caracteristicamente, em Aracaju, diferente da maneira como se fazem em todas as cidades brasileiras. Uma das praças mais amplas da cidade, a Tobias Barreto ou a Olímpio Campos, é ornamentada pela Prefeitura Municipal, com arcos monumentais e iluminação feérica e, ali, são instalados parques de diversões com rodas gigantes, balanços, ondas, aviões e o tradicional

carrossel de "Tobias", que é um boneco muito preto, que toca um grande realejo e que se constitui na principal atração para a garotada. Também são instalados bares, restaurantes, bazares e mesas de jogos de toda natureza. Esses festejos vêm sendo assim realizados, sem interrupção, desde 1856 e, geralmente, se iniciam na véspera do dia consagrado ao Natal de Jesus e se encerram no dia dos Santos Reis (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, 1959: 242).

Transcorrido o Dia de Reis, a tranquila e pouco frequentada Praia de Atalaia transformava-se no ponto de encontro dos membros das famílias ricas da capital. As principais famílias tinham as maiores, melhor localizadas e mais destacadas casas da vila, enquanto os outros veranistas iam aos poucos comprando e reformando as pequenas casas de taipa que eram alugadas pelos pescadores que originalmente viviam naquela localidade.

Eram casas baixas, com o chão de tijolo abaixo do nível do mar. As casas de veraneio eram de sopapo (taipa) com reboco externo e pintura. Originalmente, os pescadores que as venderam alugavam-nas aos veranistas. Com a chegada do veraneio e dos moradores, os pescadores foram se afastando e indo morar em lugares mais distantes (moradora de Atalaia).

As casas de Atalaia eram de taipa, a maioria de palha. Ali na frente tinha a maioria de telha, muitas delas de propriedade de moradores da cidade. Lá, os Alves e os Brittos, que eram os manda-chuvas da terra, tinham casas boas, casas grandes. Eles eram os donos da Atalaia. Atalaia começava ali pouco depois do farol, onde era a casa do Dr. Niceu Dantas, e seguia em direção ao mar. A praia fazia uma reentrância, que era chamada "saquinho" e ia terminar do lado do mar, que era chamado "recanto" (antigo veranista de Atalaia).

As grandes atrações da região eram a praia, ou "oceano", como tradicionalmente costumava ser chamado o mar em Aracaju, o braço de rio que passa em frente à vila, e as fruteiras abundantes nos morros de areia das redondezas. Nas memórias dos que revivem a Atalaia do veraneio, os momentos passados nas proximidades da vila, seja pescando e catando maris-

cos ou brincando entre os morros de areia e catando frutas nos pés, são tão marcantes quanto as idas à praia que, em virtude da distância, tornavam-se quase uma aventura.

A praia era aonde a gente tomava banho. Lá não tinha nada, nem bares, nem casas. Nós levávamos as mochilas com frutas e íamos a pé pelo caminho de areia. Nos finais de tarde, as crianças passavam redinhas de pesca no rio, aí nesse mangue em frente, para pescar camarão e iam chupar caju nos morros de areia que ficavam atrás das casas (moradora de Atalaia).

As primeiras décadas do veraneio foram marcadas por total ou parcial ausência de alguns dos mais elementares serviços, a saber, água, luz e oferta de alimentos e bebidas. A água para uso geral vinha de poços domésticos com bombas manuais ou motorizadas a gasolina; a iluminação doméstica e pública advinha de um pequeno motor, que nas épocas de maiores demandas costumava apresentar problemas de sobrecarga; e os alimentos, sobretudo a carne bovina, e a água para beber eram comprados em Aracaju, porque não havia este tipo de comércio em Atalaia.

O G. Barbosa⁹ é um marco. Ele tem mais ou menos uns 22 anos. Com ele é que as pessoas passaram a ter onde comprar alimentos e outros bens e, assim, puderam se fixar em Atalaia. Antes, a carne, a água de beber e outros produtos vinham de Aracaju (moradora de Atalaia).

Nem as grandes dificuldades de transporte ou a deficiência nos serviços diminuía a importância do veraneio em Atalaia. Pelo contrário, à medida em que a região ganhava fama entre as famílias mais ricas de Aracaju, mais ele se ampliava. Com o tempo, algumas melhorias infra-estruturais foram chegando à região e aumentando o seu poder de atratividade. A primeira delas foi a ponte construída sobre o rio Poxim, no final da década de 30 e que serviu de incentivo para a construção da chamada Estrada Velha de Atalaia¹⁰, desativada desde a construção do caminho atual, em 1948.

Quem fez a primeira ponte de Atalaia foi Eronildes de Carvalho. Aí é que vai começar a se estruturar a Atalaia Velha como um bairro de Aracaju; até então era um povoado. A presença de Godofredo Diniz como Prefeito foi que deu um empurrão. Quando Dr. Eronildes construiu a ponte, então Godofredo assumiu a melhoria da Atalaia. Fez a estrada de rodagem pelo interior. Esta estrada ia por onde é hoje a rua Urquiza Leal e quando chegava ali na Chatabriand, eu acho, dava para a direita, porque era um latifúndio que tinha que contornar. Depois dava ali para os lados do asilo, passava em uma salina, passava no fundo da sementeira e então chegava ao rio Poxim. Godofredo retificou a estrada velha e colocou piçarra. Da ponte em diante, o trajeto atual é praticamente o mesmo feito por Godofredo. Aquela praça foi modificada, arborizada. Foi construída uma pista para basquete e vôlei, isso em 1937. Depois foi que construíram aquele pavilhão que era pra fazer uma espécie de cassino. Naquela época, as grandes boates se chamavam cassino. Bom, foi justamente depois das obras de Godofredo Diniz que Atalaia adquiriu um status imobiliário. Muita gente passou a fazer casas por lá. O próprio Governo do Estado fez aquele palácio¹¹, junto a ele um industrial de Propriá ou Siriri fez uma casa bem grande e assim foi, em pouco tempo. Godofredo instituiu os Jogos de Verão e isso atraiu muita gente para lá, aumentando o veraneio e aumentando a permanência também (antigo veranista de Atalaia).

Os Jogos de Verão, criados em 1938 pelo então Prefeito de Aracaju Godofredo Diniz funcionaram como um grande atrativo de Atalaia aos veranistas. Para a sua realização foram necessárias reformas na única praça da vila, que ganhou nova arborização e uma quadra desportiva, passando a servir tanto aos veranistas quanto aos moradores da região, que se aproveitavam dos momentos festivos para ganharem algum dinheiro com a venda de alimentos.

A gente freqüentava a pracinha de Atalaia, quando ia para as festas de Bom Jesus. Todo dia tinha umas festinha e nós ia vender coisa, doce ali. A gente só ia lá em época de festa e para jogar bolinha. A gente levava os meninos pra brincar, a distração que tinha pros meus mole-

ques era brincar a bolinha deles lá na pracinha. Tinha uns presépi à vez, nós fazia uns presépi de pano. Os filmes da gente era os presépi. A gente pegava uns pano, fazia um quartinho separado assim. Aí botava um pano bem fininho, alvinho. Aí nós pegava uns boneco, fazia uns boneco de pau, uns "mané gostoso" que bulia com as pernas. Brincava por trás igual um cinema e ficava cheio de gente só vendo e comprando as coisas. Nós fazia isso lá na pracinha. Mas nós ficava recampiado, não ficava mesmo na praça, ficava assim de lado. Aí nós ficava brincando e juntava gente, com pouco terminava, aí nós fazia um forrozinho e começava a brincar. Tudo era família (moradora da Vila do Queijo).

Os investimentos públicos em favor do veraneio não se limitaram aos Jogos de Verão ou à nova pracinha. No final de sua administração, o então Prefeito Godofredo Diniz ainda inaugurou o chamado Cassino de Atalaia: um pavilhão coberto de palha, no qual realizavam-se bailes, brincadeiras e jogos, sendo um dos pontos mais concorridos das noites de verão na praia.

Havia, em frente ao palácio de veraneio, um cassino de palha e madeira, onde a criançada jogava, dançava. Havia grito de carnaval e bailes. Num São João, não me lembro qual, um rojão o destruiu (moradora de Atalaia).

A importância destes dois investimentos públicos aparece com clareza nas descrições românticas que o memorialista Mario Cabral (1948:173/174) faz da Atalaia:

a Praia de Atalaia, realmente, merece ser vista e admirada. Praia balneária, por excelência, oferece aos turistas e aos viajantes momentos inesquecíveis de luz, de mar, de esporte, de música, de cordialidade. (...) Uma pequena praça de esportes fica repleta de moças e rapazes para os torneios do vôlei e do basquete. À noite, há música. E os veranistas e visitantes, no magnífico salão de festas da Prefeitura Municipal, dançam, animadamente, ao som de conjuntos musicais da cidade.

Durante mais de três décadas, o veraneio marcou a Atalaia, sendo o grande responsável pelos processos de urbanização e incorporação daquela região a Aracaju, em virtude de ter criado entre os aracajuano o sonho da moradia na praia. Aliado ao desejo de viver na praia, surgido no imaginário de muitos veranistas em decorrência dos bons momentos de tranquilidade que viviam em suas férias, encontra-se o componente objetivo da fixação residencial, a saber, as melhorias urbanas promovidas pelo poder público em favor da urbanização do litoral sul aracajuano. A primeira destas melhorias deu-se em 1948, na gestão do então Prefeito Marcos Ferreira de Jesus. Foi a construção da atual estrada que liga Aracaju a Atalaia em linha reta, passando pela praia 13 de Julho. Esta estrada reduziu o percurso para a região, tornando-a mais acessível.

Na administração de Leandro Maciel à frente do Governo do Estado¹² aconteceram dois outros importantes eventos para a transformação de Atalaia em bairro residencial: a chegada da luz elétrica e a construção de uma nova ponte sobre o rio Poxim, pois a primeira, construída na década de 30 havia rachado, ameaçando cair¹³.

A moradia em Atalaia começou quando chegou a energia elétrica. Tinha primeiro um motorzinho que não aguentava a carga e de vez em quando quebrava. Mas quando a energia foi ligada, no Governo de Leandro Maciel, aí apareceram uns corajosos. Foram os pioneiros que, a princípio, demoravam mais no veraneio e depois começaram a morar, foi daí que começou. Até a década de 50 só moravam em Atalaia os naturais da terra. Com a ponte melhorou também (antigo veranista).

Lento mas perene, o processo de fixação dos antigos veranistas na região de Atalaia resultou em uma gradual incorporação desta ao tecido urbano de Aracaju, bem como na valorização de seu potencial turístico. As melhorias urbanas trouxeram os moradores que, por sua vez, estimularam ainda mais o processo urbanizador na área.

Da antiga praia de veraneio, recordada com saudades pelos entrevistados, pouca coisa restou. Acabaram-se as danças, os jogos, as festas. O mangue encontra-se quase assoreado, não apresentando a variedade e a quantidade de mariscos de outrora. Os morros de areia e as fruteiras deram lugar às

casas, aos bares, aos hotéis. Nem mesmo a praia continua a mesma. Teve partes aterradas para a construção de ruas e calçadas. Não é mais freqüentada apenas em férias, feriados ou finais de semana e nem abriga mais antigas tradições que vêm se perdendo com o tempo. As memórias de quem sempre viveu em Atalaia mostram um pouco desta transformação.

O Vaqueiro¹⁴ era o ponto da gente vender coco mole, batida de maracujá e uma bebida que chamava rôla. Era feito com suqui, um qui-suquizinho que vendia e a gente desmanchava e fazia essa bebida pra vender aos piranguêro que vinha trabalhar na praia também. Pirangêro é aqueles que vem com os caçua cheio de marisco para vender, pra esperar um e outro. Aí quando é no fim começa a beber uma e fica tudo naquele arraiá brincando, até passar a noite. Nós passava a noite aí na praia. Aqui vinha gente de Aracaju, mas não vinha muita gente como é agora não. Mais era o domingo. O povo vinha de marinete, por uma rodagenzinha bem apertadinha que tinha lá em cima. A praia era um lugar de festa. A festa de lemanjá era muito bonita! Era muita comemoração. Aqui só tinha uma marinete, o pessoal não vinha muito porque não tinha ônibus. Muitas pessoas vinha dos interior de pé, mas não vinha muito terreiro. Adespois que pegou a multiplicar as coisas, que pegou a vir ônibus, vinham os centros todinhos daqui dos interior. Todos os terreiros vinham pra aqui. 08 de dezembro e do dia 31 pra amanhecer o 1º, eram os dois dias de festa de lemanjá. Era a noite todinha até o dia amanhecer, brincando, todo mundo brincando, todo mundo bebendo. Já trazia comestível, todo mundo já trazia sua roupa de trocar dentro das empanada. Era perfume, era barco que levava pro mar, nós tudo vestida de saiona. Antes de ter ônibus vinha pouca gente para cá. Mas mesmo assim vinha terreiro, de carroça, de cavalo. Era o povo de terreiro que vinha. Os centros de candomblé, os xangôs. Antigamente era só os xangôs que vinham, não vinha bagunça, não vinha nada. Eles vinham tocar, brincar, passava a noite, comemorava as festa, tudo, quando era no outro dia, ia todo mundo alegre e sastifeito, não existia bagunça, não existia nada, tudo simples. Hoje em dia existe bagunça. Agora não tem mais nada, porque enche de malandro, enche é de coisa, uma anarquia danada. Eu mesma, tem ano que nem venho apreciar. As melhores festas daqui sempre foram

a de Iemanjá e a de Bom Jesus lá na pracinha (moradora da Vila do Queijo).

IV - O Presente em Questão

E como se apresenta hoje a Praia de Atalaia Velha? Em primeiro lugar, já não possui mais o atributo de balneário de veraneio. Foi elevada à categoria de bairro urbano em 1982¹⁵.

Na realidade, Atalaia é hoje um dos mais destacados bairros da zona Sul de Aracaju. É nele onde se encontra a grande maioria dos hotéis, das pousadas, dos bares e dos restaurantes da cidade, indicando a sua crescente aptidão turística. É composto basicamente por mansões e casas de grande porte, erguidas em lotes de grandes dimensões. Apresenta alguns dos mais elevados preços do mercado imobiliário, além de possuir a maior alíquota de IPTU do município.

Deste conjunto de características é possível supor o restante de sua paisagem. Ruas asfaltadas, muito limpas, iluminadas e arborizadas; boa qualidade na prestação dos serviços públicos de água, luz e esgotamento sanitário; e, por fim, uma certa homogeneidade no padrão de ocupação espacial. Por mais contrasensual que possa parecer, nenhum destes itens é verificado em Atalaia.

Paradoxalmente, aquele é um dos bairros mais abandonados da cidade. A grande maioria das ruas não apresenta qualquer tipo de calçamento, sendo comuns as inundações nas épocas de chuva e os buracos durante todo o ano. O grande número de terrenos baldios completamente abandonados pelos proprietários e pela Prefeitura compromete a estética do bairro e a segurança de moradores e visitantes. As quedas constantes de tensão que danificam cotidianamente os aparelhos eletrodomésticos são acompanhadas por, também constantes, cortes nos serviços de abastecimento de água. Para completar, o bairro inteiro não possui rede de esgoto, o que causa graves problemas para os sistemas domésticos de fossas sanitárias.

No verão não tem água, na chuva tem lama demais. Eu tenho a sensação de que Atalaia não faz parte de Aracaju (moradora de Atalaia nas proximidades da Vila do Queijo).

Eu tenho a sensação de que Atalaia é uma terra de ninguém, que é uma coisa ainda não incorporada a Aracaju. Quando se fala em Ata-

laia, fala-se só na orla. Acontece que Atalaia não é a orla. Atalaia é um bairro grande, cheio de problemas e que não tem atenção de nenhum administrador público (morador da Atalaia nas proximidades da Vila do Queijo).

A sensação de abandono é comum em todos os que visitam o bairro, mas é mais evidente entre os moradores, sobretudo entre os que vivem nas proximidades da Vila do Queijo. Estes argumentam que a permanência da vila naquela localidade há aproximadamente 15 anos é de total responsabilidade dos órgãos públicos, sobretudo a Prefeitura, pois se trata de uma ocupação irregular de terras públicas destinadas à construção de uma rua.

Localizada em um trecho da rua Bráulio Costa, entre as ruas Jornalista Paulo Costa e Desembargador João Bosco de Araújo Lima, a Vila do Queijo existe como tal há cerca de 15 anos. Mas antes disso, há mais de 20 anos, já havia algumas pessoas vivendo naquele lugar, em casas esparsas, não constituindo um aglomerado residencial.

As informações sobre o nascimento da vila são imprecisas quando referendadas em mundos vividos diferentes. Para os seus moradores ou os amigos daqueles, somam-se mais de 50 anos de ocupação. Para os vizinhos, cuja memória encontra-se respaldada em documentos de compra de terrenos e construção de casas, a ocupação não passa de 15 anos. Aqui partir-se-á do uso da memória como fonte histórica, entendendo que esta nem sempre reproduz com a mesma linearidade e temporalidade os fatos aos quais se refere. Como um construto social dinâmico (Halbwachs, 1990), ela é influenciada pelo grupo onde se forma e, assim, também por informações do presente. Dessa forma, não cabe julgar a veracidade das informações prestadas, mas interpretá-las a partir do contexto sócio-cultural no qual foram elaboradas, relativizando as maiores discrepâncias.

Quando eu vim morar aqui não existia a vila. Tinham algumas casas esparsas, mas a vila fechada, não. Isso é coisa de uns 10 anos para cá (moradora vizinha da Vila do Queijo).

Aquela vila aonde eu moro, do povo mais antigo, tem uns 50 anos. Agora é que ela preencheu de gente mesmo. Foi chegando gente, esse pessoal foi fazendo como comunista, sem ser dono foi fazendo e cedendo para um e para o outro. Uns foram fazendo para a família toda. Um pegado ao

outro e foram ficando ali mesmo. A primeira casa ali na vila tem mais de 50 anos, foi a do finado Sula. Ali tinha a casa dele e mais duas. Os barracos eram tudo de palha. Não era tudo junto não. Só tinham três famílias que moravam ali, mas todo mundo já morreu (moradora da vila).

Independentemente de quantos anos se passaram desde que a primeira pessoa se mudou para o local da atual Vila do Queijo, todos os depoimentos convergem para o fato de que ali já havia ocupação antes de terem sido construídas as primeiras casas da rua e que, em contrapartida, a vila, como aglomerado residencial, é mais recente do que as mais antigas casas das ruas Bráulio Costa, Desembargador João Bosco e Jornalista Paulo Costa. Uma das moradoras da Vila do Queijo há cerca de 12 anos, mas residente em Atalaia há mais de 40, descreve o local por ocasião de sua mudança.

Quando eu fui morar na vila já tinha umas cinco a seis casas lá. Ali era tudo mato. Não tinha nenhuma picada de carro, nada. Era tudo pé de cajueiro. Sabe do lado de cá (a casa do Sr. José Augusto)? Não era grandona assim não. Eles vieram fazer depois que a gente chegou ali. E não tinha aquele muro passando ali. Aquele muro foi feito a gente já estava ali. Quando ele construiu a casa só tinha uma rua cheia de areia. A rodagem não era certinha, tinha uns pés de caju que ela rodeava. A minha casa mesmo, quando eu comprei era um paiolzinho de páia, coberto de páia, porta de páia, telha de páia, tudo de páia e o piso de areia. Foi quando passou aquela rodagem, aí nós falamos com os caçambeiros, eles derrubaram o barro e nós aterremos o barraco. Aí depois com muito tempo, que eu melhorei mais, foi que eu passei esse cimento. Essa minha casa tinha um combinho (cômodo) só (moradora da vila).

Apesar daquele local fazer parte do loteamento Regina Célia, a verdade é que, há cerca de 15 anos, ele não apresentava os menores indícios de urbanização. A abertura das ruas e a instalação de água e luz elétrica foram providenciadas pelos pioneiros na ocupação do loteamento.

Eu sou o morador mais antigo da rua. Há 19 anos que eu moro lá. Eu comprei aquilo ali há tanto tempo que ali só tinha um morro de areia.

Ali nós fizemos tudo por conta própria. Serviço de água? Tivemos que pagar a tubulação todinha. Só não botamos energia, porque tínhamos conhecidos que trabalhavam na ENERGIPE na época e colocaram os postes (morador vizinho à vila).

Apesar das carências infra-estruturais urbanas e da distância em relação ao restante da cidade, Atalaia exerceu forte influência sobre as camadas mais altas da sociedade aracajuana, que não mediram esforços para irem morar na praia e construir um espaço de "iguais", símbolo de *status* e diferenciação social¹⁶ : um bairro "nobre". Entretanto, em uma sociedade altamente desigual como a brasileira, a prosperidade costuma ter como consequência a proliferação de pobres à sua volta. São pessoas que, excluídas por suas condições econômicas e culturais do mercado de trabalho formal, migram pela cidade em busca de ocupação, comida ou moradia (Bursztyn & Araújo, 1997). Centram-se no setor de serviços, a maior parte das vezes, informais e subalternos. Vivem das sobras da prosperidade alheia, como motoristas, vigilantes, lavadeiras, cozinheiras, biscateiros. As atividades variam sempre conforme a demanda dos mais ricos. Como diz Caldeira (1997: 160/161),

o processo de gentrification e de expansão de uma camada de assalariados ricos tem como corolário o aumento de empregos de baixa remuneração; yuppies e migrantes dependem uns dos outros. (...) As classes média e alta estão criando seu sonho de independência e liberdade - tanto da cidade e de sua mistura de classes quanto das tarefas domésticas cotidianas - à base de serviços prestados por trabalhadores pobres.

Este processo de atração da pobreza pela riqueza, comum em todo o país, tem também ocorrido em Atalaia e mais especificamente, na Vila do Queijo. O recurso habitacional da ocupação clandestina se apresentou aos moradores da vila, desde o início, como uma forma de aproximá-los do seu local de trabalho. Os pioneiros na ocupação eram pescadores ou pequenos lavradores ali mesmo na região.

A incorporação de Atalaia ao espaço urbano de Aracaju resultou na sua transformação não só em um rico bairro residencial, mas também e principalmente no mais importante espaço de lazer e ponto turístico da cidade, ampliando enormemente as possibilidades de trabalho para indivíduos po-

tencialmente excluídos do acesso ao mercado formal. A disponibilidade de trabalho nos serviços domésticos e no comércio informal e ambulante de alimentos e bebidas na praia atraiu grande número de pessoas, algumas das quais arriscaram fixar residência por lá mesmo, ainda que tivessem que apelar para a clandestinidade, visto se tratar do bairro com mais elevados preços no mercado imobiliário.

Dessa forma, constituiu-se a Vila do Queijo, há aproximadamente 15 anos, com cerca de dez barracos, três dos quais já se encontravam no local há pelo menos cinco anos, com os pioneiros da ocupação. Inicialmente chamada de Sociedade de Santa Luzia, a vila rapidamente foi rebatizada de forma a incorporar em seu nome a principal ocupação de seus moradores, o comércio de queijo assado na beira da praia.

Por sua composição social e sua paisagem degradada, a vila contrasta com o bairro no qual se insere, indicando uma heterogeneidade teoricamente não pretendida¹⁷ pelos moradores de uma das mais caras localidades da cidade. A sua presença em Atalaia compromete um "espaço de iguais" e torna nítidas as graves contradições da sociedade brasileira. Em Atalaia, como em muitas outras partes do Brasil, pobreza e riqueza vivem lado a lado em relações nem sempre harmônicas, mas, por paradoxal que pareça, nem sempre conflituosas.

Diferente das megalópoles, onde as contradições sociais alcançaram proporções tais que resultaram na produção das mais variadas reações segregacionistas por parte dos membros das classes sociais mais altas, uma cidade como Aracaju, seja por seu porte mediano ou por sua cultura provinciana, ou por ambos, ainda consegue apresentar, ao lado do preconceito e das discriminações comuns contra pobres, sobretudo os favelados, um pouco de tolerância e reconhecimento humano. Isso ocorre a despeito de Aracaju se encontrar associada ao mesmo projeto urbano das grandes cidades brasileiras, marcado crescentemente por propostas segregacionistas em defesa da segurança e da homogeneidade das classes altas.

A segregação urbana contemporânea é complementar à questão da violência urbana. Por um lado, o medo do crime é usado para legitimar medidas progressivas de segurança e vigilância. Por outro, a produção cada vez mais intensa de falas sobre o crime passa a ser o contexto no qual os habitantes geram e fazem circular estereótipos, classificando

diferentes grupos sociais como perigosos e, portanto, como grupos a serem temidos e evitados. (...) Em cidades de muros e medos, as desigualdades e as distâncias sociais são produzidas e reforçadas a cada passo (Op. Cit.: 174).

Aracaju comunga do mesmo esquema de muros e medos de outras cidades brasileiras, sobretudo nas suas localidades mais caras, como é o caso de Atalaia. Altos muros e sistemas privados de segurança, dotados de portões eletrônicos, guardas armados, animais e muito mais, atuam em favor da segurança das classes altas contra uma violência muito mais virtual do que real. Em uma cidade de menos de 500.000 habitantes, a violência e a criminalidade reais não justificam tanta prevenção. Mas a profilaxia atua sempre sobre o potencial. E em espaços sociais marcados pela heterogeneidade, pelas "misturas", o medo de perigos potenciais aflora com um caráter de realidade.

Eu tenho uma convivência pacífica com o pessoal da vila, porque eu não me intrometo na vida deles e não admito que eles se intrometam na minha vida. O nível deles é um nível totalmente diferente do nosso. O nível deles é o pior em todos os sentidos: não têm uma estrutura familiar, não têm estrutura de educação, não têm saneamento básico. Todo mundo aqui em Atalaia tem medo de chegar em casa à noite, por isso nós pagamos segurança particular (morador vizinho à vila).

Em uma cidade de muros e medos, os moradores da Vila do Queijo vivem um cotidiano dialético de amizades, conflitos e distanciamentos totais ou parciais em relação aos seus vizinhos ricos. Enfrentam o dia-a-dia da exclusão nos moldes de uma cidade de médias proporções, dotada de padrões culturais bastante provincianos, que mesclam distanciamentos sociais com assistencialismos particulares e públicos. É nesta cidade que eles buscam, a partir das suas próprias condições contextuais, ou seja, dentro das suas próprias potencialidades estruturais, reagir à segregação e aos demais planos da exclusão social que os atingem. Suas estratégias para tal, explícitas ou não, vão do plano econômico ao plano político, sempre mediadas por uma certa coesão societária, nem sempre harmônica, mas sempre presente, que os ajuda a enfrentar a precariedade e, muitas vezes, ausência total de vínculos sócio-culturais com o restante dos moradores do bairro.

NOTAS

1 É nascida na cidade de São Paulo.

2 Este artigo constitui o segundo capítulo da dissertação intitulada Quando a Cidade Chega à Praia: estudo de exclusão social urbana, defendida no ano de 1997 na Universidade de Brasília, sob orientação do Prof. Dr. Sadi Dal Rosso. A temática central da referida dissertação é o processo de exclusão social que marca as populações que habitam as áreas faveladas, de uma forma geral. A Vila do Queijo, situada à rua Bráulio Costa, no bairro de Atalaia, foi tomada como objeto empírico desta investigação que, dentre outras coisas, foi responsável pela primeira sistematização da história de Atalaia.

3 A esse respeito vide THOMPSON (1992).

4 Cidade do Aracaju foi o nome originalmente dado à Vila de Santo Antônio do Aracaju na época em que foi elevada às categorias de cidade e sede da província de Sergipe Dél Rei, em 17 de março de 1855.

5 Howard Becker (1994: 104) apresenta a idéia de mosaico como útil ao empreendimento científico do conhecimento através do recurso da história de vida. Diz ele: "Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros".

6 "Sario" é uma comida típica do estado de Sergipe e de algumas regiões próximas. É uma espécie de beiju à base de mandioca que tradicionalmente costuma ser comercializado de porta em porta por ambulantes, nas esquinas das ruas ou no mercado municipal.

*Devido ao conteúdo conflitivo de alguns depoimentos optou-se por suprimir a publicação dos nomes dos entrevistados, afim de que certas opiniões aqui apresentadas não contribuíssem para acirrar o clima pouco harmonioso existente entre alguns moradores da vila e da vizinhança.

7 Em alguns livros que falam genericamente da cidade de Aracaju é possível encontrar referências de Atalaia, entre os itens praia e povoados. "Os povoados são aqueles aglomerados que apresentam o maior número de casas destacando-se o chamado Atalaia Velha com 1.510 casas; (...) Mosqueiro (383 casas), Robalo e São José (267 casas cada um), (...) e Coroa do Meio (39 casas)" (ARACAJU, 1983: 29). Todos os povoados aí referidos encontram-se nas proximidades da praia, compondo a chamada região da Atalaia. A respeito da classificação de Atalaia como povoado, vide PORTO (1940) e LISBOA (1897) e sobre sua classificação apenas como praia, vide CABRAL (1948) e MENDONÇA (1958).

8 Segundo Lisboa (1897), Atalaia distaria 7 Km do centro de Aracaju, enquanto que para Cabral (1948) essa distância seria de 8 Km. De qualquer forma, estas medidas referem-se à distância entre a praia e o centro da cidade num trajeto em linha reta, semelhante ao do atual caminho para a praia que passa pela Praia 13 de julho. Esse caminho, contudo, data de 1948, tendo sido construído pelo então Prefeito Municipal Marcos Ferreira de Jesus (Figueiredo, 1991). Até então, as pessoas tinham que percorrer um trajeto muito mais longo e tortuoso para chegarem a Atalaia. A chamada "estrada velha", hoje desaparecida, tinha início à rua Urquiza Leal, nas imediações do Asilo Rio Branco, seguindo num trajeto sinuoso até os fundos do atual Parque da Sementeira, passando por uma antiga salina e por um antigo cemitério desativados, até chegar à margem esquerda do Poxim, alguns metros antes do local onde se encontra a atual ponte para Atalaia.

9 G. Barbosa é o mais antigo e o maior supermercado da Atalaia. Ele data do início da década de 1970, época em que já havia se consolidado a fixação residencial em Atalaia, apesar da precariedade nos serviços.

10 "O Interventor Eronildes Ferreira de Carvalho, homem forte, autoritário, está feliz com a estrada de rodagem que liga Aracaju à praia de Atalaia Velha, inaugurada com música, foguetes e discursos em 22/01/1939. A descoberta urbanística da Atalaia Velha e sua incorporação à vida de Aracaju são devidas, antes de tudo, ao Interventor Eronildes Ferreira de Carvalho e ao Prefeito Godofredo Diniz Gonçalves" (FIGUEIREDO, 1991:25/26).

11 A residência do Governador estadual, o chamado Palácio de Veraneio, localiza-se próximo à praça Alcebíades Paes em Atalaia.

12 O Dr. Leandro Maciel foi Governador do Estado de Sergipe no período de 1955 a 1958 (Figueiredo, 1991).

13 A antiga ponte caiu tão logo foi construída a nova.

14 O vaqueiro era um antigo bar da praia de Atalaia que hoje se chama Tropeiro.

15 Todo o litoral Sul aracajuano era antes indistintamente chamado de Atalaia, mas hoje se encontra dividido em quatro bairros - Coroa do Meio, Farolândia, Atalaia e Aeroporto - e em alguns povoados ao longo da Rodovia dos Náufragos. Estes quatro bairros foram criados pela Lei Municipal Nº 873/82, na gestão do Prefeito Heráclito Guimarães Rollemberg.

16 A esse respeito vide VELHO (1978).

17 A esse respeito vide CALDEIRA (1997).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARACAJU. **Séries Monografias Municipais**. Governo de Sergipe, Secretaria de Estado do Planejamento (SEPLAN)/Instituto de Economia e Pesquisas (INEP)/SUDENE. Aracaju, 1983.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2 ed. SP : Hucitec, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. SP : Martins Fontes, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2 ed. SP : T.A. Queiroz/EDUSP, 1987.

BURSZTYN, Marcel & ARAÚJO, Carlos Henrique. **Da utopia à exclusão: vivendo nas ruas em Brasília**. RJ/Brasília : Garamond/CODEPLAN, 1997.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju: guia sentimental da cidade**. Aracaju, 1948.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana. In: **Novos Estudos**. RJ, CEBRAP, nº 47, 1997.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 6 ed. SP : Companhia das Letras, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Apresentação. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2 ed. SP : T.A. Queiroz/EDUSP, 1987.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. RJ, IBGE, IV volume, 1958.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História política de Sergipe**. Volume 4. Aracaju, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. SP : Vértice, 1990.

LISBOA, L. Clodomir Silva. **Chorographia do Estado de Sergipe**. Aracaju : Lente de geographia geral e de chorographia do Brazil, 1897.

MENDONÇA, José Antônio Nunes. **A educação em Sergipe**. Aracaju : Livraria Regina Ltda., 1958.

PORTO, Fernando (Org.). **Cidades, vilas e povoados**. Aracaju : Imprensa Oficial, 1940.

_____. **A cidade do Aracaju -1855/1865: ensaio de evolução urbana**. 2 ed. Aracaju : Governo de Sergipe/FUNDESC, 1991.